

ESPN
BEISEBOL

Atrás do que correm estes marmanjos de bonezinho?

Tentamos desvendar os mistérios do jogo que fascina os norte-americanos

Como a torta de maçã, a cartola do Tio Sam, o hambúrguer e o milk-shake, o beisebol faz parte do dia-a-dia e também da mitologia norte-americana. A TVA tem trazido algo desta paixão aos espectadores brasileiros, na programação do canal ESPN International. Muita gente, no entanto, ainda não entendeu atrás do que correm aqueles jogadores de bonezinho e calças esquisitas. A Revista TVA convocou Matthew Shirts, historiador e jornalista norte-americano radicado no Brasil, que explica a seguir, por que, afinal, os americanos amam o beisebol.

Entender o beisebol é uma tarefa que parece estar além da capacidade das melhores cabeças do Brasil. O escritor Mario Prata, por exemplo, me disse outro dia, sentado num bar: "Aquele futebol americano ainda vai, mas o beisebol não dá para entender". Dá sim. E aposto que o próprio Pratinha, feliz assinante de todos os canais de cabo disponíveis em São Paulo, ainda vai acabar se viciando no jogo.

O beisebol está para os Estados Unidos como o futebol para o Brasil. Faz parte da história, da língua e da cultura do país. É um grande jogo, posso garantir, mas as regras são complexas. Uma explicação enciclopédica do regulamento geral chega a ocupar seis páginas na Britânica! Tentarei ser sucinto.

Os times alternam o ataque e a defesa. A defesa é coletiva, ocupa o campo todo. O ataque é individual: resume-se ao rebatedor, aquele com o taco na mão. O seu objetivo é rebater a bola para um lugar longe do alcance dos defensores.

A parte inferior do campo é delimitada por quatro bases, parecidas com paralelepípedos, distribuídos em formato de diamante. O rebatedor começa o jogo da base "home" e precisa voltar a ela para marcar um ponto. Para tanto, tem de passar pela primeira, segunda e terceira bases.



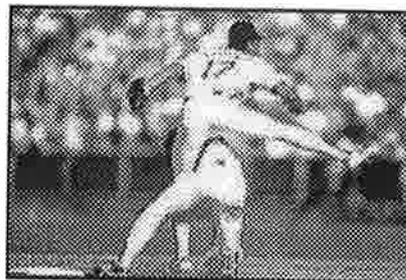
O arremessador trava uma batalha "mano a mano" contra cada rebatedor. O seu objetivo é enfiar três bolas na zona "quente" (strike zone, abaixo da cintura e acima do joelho do rebatedor); ou fazer com que o rebatedor dê três tacadas em falso, ou uma combinação das duas coisas. Se jogar quatro bolas fora da zona "quente", o rebatedor avança para a primeira base, de graça. O juiz, aquele cara de preto atrás da base, está ali para dizer se a bola passou por dentro ou por fora da "zona". A velocidade do arremesso chega a 150 km por hora.

O rebatedor, por sua vez, deve mandar a bola para as áreas menos vigiadas do campo e chegar à base antes que a defesa recupere a bola. Caso contrário, a tacada não vale nada. E assim vai. Um rebatedor



tenta empurrar (avançar) o outro pelas bases, de volta à "home", para fazer um ponto. Cada falha do ataque representa um "out". Com três deles troca-se de lados e a defesa passa a atacar (rebater), jogador por jogador, como numa disputa de pênaltis, sempre na ordem pré-estabelecida pelo técnico. Os dois times têm nove chances - "innings"- para buscar pontos, ou "runs". Da mesma forma, cada equipe passa nove "innings" tentando conter o ataque do seu adversário. Se acontecer o empate, joga-se um "inning" em cada time até desempatar - portanto, a duração da partida é indefinida.

Grosseiramente, são estas as regras. E qual é a graça? Diferente do futebol, do vôlei e do basquete, o beisebol é uma batalha essencialmente individual. É como uma eterna disputa de pênaltis onde uma bola na rede avança outro jogador pelo campo. Cada tiro certo empurra os colegas para frente, em direção ao gol, onde cada um marca um ponto. Se fracassa, o rebatedor deixa o time na mão. Com três fracassos, o time atacante é obrigado a voltar para a defesa.



O drama essencial do beisebol está aí, no confronto entre o arremessador, o "pitcher", e o rebatedor, o "batter". À sua maneira, esse embate reproduz a relação entre o homem e Deus na cultura calvinista. Daí a importância do beisebol para a cultura americana, que foi fundada nos preceitos desta religião, como bem demonstrou o sociólogo Max Weber décadas atrás.



Ou seja, toda vez que o rebatedor é chamado para enfrentar o arremessador, ele passa por uma avaliação quase moral. De acordo com o seu desempenho sabe-se se ele é um dos "eleitos" ao céu ou não, metaforicamente falando, é claro. Tudo depende dele, enquanto indivíduo. Apesar dos truques de marketing e das promoções comerciais engraçadinhas, o beisebol - diferente do futebol nos campos brasileiros - é um jogo severo e individualista, de suspense e tensão. A não ser que o espectador esqueça isso tudo e leve a disputa na brincadeira.

A capacidade de acerto e de erro do ser humano é salientada, às vezes com humor, ao longo das partidas. Bolas fáceis de catar fogem de profissionais muitíssimo bem pagos e acabam rolando para cantos escuros do gramado. Enquanto o jogador corre atrás da bolinha desesperadamente, tentando emendar seu erro, o time adversário vai marcando pontos. Quanto mais o jogador demora para encontrar a bolinha, mais o outro time tira proveito. Nestes momentos, o jogo lembra um pouco os filmes de Chaplin. Uma situação vexaminosa ou engraçada, tudo depende do seu ponto de vista. O jogo tem essa utilidade, também. Como quase todos os lances são individuais, ele oferece uma oportunidade rara de admirar e rir da condição humana.

ESP | Veja horários na Grade de Programação

[Volta ao Índice](#)

[Brasil Online](#)